

Suplico-te a bênção para todos aqueles que provocam o sofrimento.

Não te lembro os fracos da Terra.

Recordo-te quantos se julgam poderosos e vencedores.

Não intercedo pelos que soluçam de fome.

Rogo-te amor para os que furtam o pão.

Senhor Todo-Bondoso!...

Não te trago os que sangram de angústia.

Relaciono diante de ti os que golpeiam e ferem.

Não te peço pelos que sofrem injustiças.

Rogo-te pelos empreiteiros do crime.

Não te apresento os desprotegidos da sorte.

Sugiro teu amparo aos que estendem a aflição e a miséria.

Não te imploro mercê para as almas traídas.

Exoro-te o socorro para os que tecem os fios envenenados da ingratidão.

Pai compassivo!...

Estende as mãos sobre os que vagueiam nas trevas...

Anula o pensamento insensato.

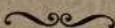
Cerra os lábios que induzem à tentação.

Paralisa os braços que apedrejam.

Detém os passos daqueles que distribuem a morte...

Ajuda-nos a todos nós, os filhos do erro, porque sómente assim, ó Deus piedoso e justo, podemos edificar o paraíso do bem com todos aqueles que já te compreendem e obedecem, extinguindo o inferno daqueles que, como nós, se atiraram, desprevenidos, aos insanos torvelinhos do mal!...

CERINTO



Um caso singular

Noite de 1 de Dezembro de 1955.

Com grande reconforto para o nosso grupo, quem comparece para o serviço de instrução é o Espírito de Luís Alves, que, em estado de sofrimento, se comunicara anteriormente, em nossa agremiação.

Comovendo-nos a todos, ofereceu-nos a sua história, que ele mesmo considerou como "um caso singular".

Meus amigos:

Chamo-me Luís Alves, e, trazido ao recinto por devotados instrutores, recomendam que eu vos fale alguma coisa acerca de meu caso, que, indiscutivelmente, se partisse de outra criatura, talvez não me recebesse crédito algum, na hipótese de encontrar-me ainda encarnado entre os homens.

Tão triste quão bizarra, minha história provoca impressões diversas, desde a agonia ao riso franco, fazendo de mim um sofredor e um truão.

Muitas almas aparecem no berço, a fim de lutar. E muitas se escondem no sepulcro, para aprender.

Nasci na Terra para cumprir determinada tarefa no socorro aos doentes, sob o signo da solidão individual, para que mais eficiente se tornasse meu concurso a benefício dos outros, porém, em chegar a os trinta de idade, e vendo-me pobre e sózinho, apesar dos múltiplos trabalhos de enfermagem que me angariavam larga soma de afetos, entreguei-

-me, acovardado, ao desespero e, com um tiro no coração, aniquilei meu corpo.

Ah! Meus amigos, desde esse instante, começo a minha odisséia singular, porque me reconheci muito mais vivo do que antes, continuando ligado à minha carcassa inerte.

Não dispunha de parentes ou de amigos que me solicitasse os despojos. Entregue a uma escola de Medicina, chumbado ao meu corpo, passei a servir em demonstrações anatômicas.

Completamente anestesiado, ignorava as dores físicas, não obstante cortado de muitos modos; contudo, se tentava afastar-me da múmia que passara a ser minha sombra, o terrível sofrimento, a expressar-se por inigualável angústia, me constringia o peito, compelindo-me a voltar.

Dezenas de médicos jovens estudavam em minhas viscera os problemas operatórios que lhes inquietavam a mente indecisa, alegando que meus tecidos cadavéricos eram sempre mais vivos e mais consistentes, mal sabendo que a minha presença constante lhes mantinha a coesão.

Ninguém na Terra, enquanto no corpo denso, pode calcular o martírio de um Espírito desencarnado, indefinidamente jungido aos próprios restos.

Minha aflição parecia não ter fim.

Chorava, gritava, reclamava... mas, por resposta da vida, era objeto diário da atenção dos estudantes de cirurgia, que procuravam em mim o auxílio indireto para a solução de enigmas profissionais, a favor de numerosos doentes.

Ouvia a meu respeito incessantes observações que variavam do carinho ao sarcasmo e do ridículo à compaixão.

Muitos me fitavam com piedoso olhar, mas muitos outros me sacudiam de vergonha e de sofrimento, através dos pensamentos e das palavras com que me feriam e ofendiam a dolorosa nudez.

Com o transcurso do tempo, desgastou-se-me a vestimenta de carne nas atividades de cobaia, mas,

ainda assim, professores e médicos afeiçoaram-se-me ao esqueleto, que diziam original e bem posto, e prossegui em meu cárcere oculto.

Habitualmente assediado por aprendizes e estudiosos diversos, suportava, além disso, constante visitação de almas desencarnadas, viciosas e vagabundas, que me atiravam em rosto gargalhadas estridentes e frases vis.

Vinte e seis anos decorreram sobre meu inominável infortúnio, quando, certo dia, a desfazer-me em pranto, recordei velho amigo — o nosso Mitter. (1)

Bastou isso e ele me apareceu eufórico e juvenil, como nos tempos da mocidade primeira.

Compadecido, ouviu-me a horrenda história e, aplicando as mãos sobre mim, consegui libertar-me dos ossos, trazendo-me a vossa casa.

Respirei aliviado.

Como que a refundir-me num corpo diferente do meu, que ele designou como sendo «um instrumento mediúnico», consegui, enfim, chorar e clamar por socorro.

Vossas palavras e vossas preces, ao influxo dos benfeiteiros que nos assistem, operaram em mim o inesperado milagre...

Reconfortei-me, reaqueci-me...

De volta ao meu domicílio, depois de passar por algumas horas em vosso templo de caridade, vim a saber que, graças a Deus, apesar do suicídio, em meu tremendo suplício moral conseguira cumprir a tarefa de amparo aos enfermos durante o tempo previsto.

De regresso a casa, oh grande felicidade!... Doutor Mitter e eu observámos que com a minha ausência o velho arcabouço, apesar de protegido com segurança, se arrojara ao piso da sala, partindo-se-lhe a grande coluna.

(1) Amigo espiritual que, por vezes, empresta valiosa cooperação ao nosso Grupo. — Nota do Organizador.

Meu coração pulsava de alegria, porque a minha insubmissão não conseguira modificar o arresto justo da Lei...

E naquela hora meu júbilo acentuara-se, porque à maneira do pássaro, agora livre, fitava feliz a gaiola desfeita.

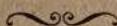
Banhava-se a paisagem no sol de rutilante manhã.

Um velho professor penetrou o recinto, sendo abraçado por nosso amigo, que lhe segredou algo, confidencialmente, aos ouvidos.

O encanecido preceptor não nos viu e nem ouviu com os sentidos corpóreos, mas registando a palavra do benfeitor, em forma de intuição, ordenou que os meus velhos ossos fôssem queimados como resíduo inútil.

Desde então, livre e calmo, consagrei-me a vida nova e, visitando-vos na noite de hoje, para exprimir-vos jubilosa gratidão, ofereço-vos meu caso, não para que venhemos a rir ou a chorar, mas simplesmente a pensar.

Luís ALVES



26

Diante do Cristo

Com imensa alegria fomos visitados, na noite de 8 de Dezembro de 1955, por novo mensageiro da Espiritualidade Superior. Esse mensageiro foi o Espírito do Dr. Alexandre Meio Moraes que, controlando as possibilidades mediúnicas, pronunciou a brilhante alocução que prazerosamente reproduzimos neste capítulo.

Diante do Cristo encontra-se o homem à frente da luz do mundo.

Antes dele, embora a ciência de Hermes, a filosofia de Sócrates e a religião de Buda, que lhe foram excelsos mensageiros, a vida no mundo era a absoluta dominação da conquista.

Tenebrosa noite envolvendo o sentimento, rios de sangue afogando a cerebração...

Ei-lo, no entanto, que se manifesta no trono da humildade, convidando as Nações à glória da sabedoria e do amor.

Seu programa divino, a espelhar-se no Evangelho que lhe reúne as boas novas da salvação, preconiza a fraternidade ao invés do egoísmo, a renúncia edificante em vez da posse inútil, o perdão em lugar da vingança, o trabalho com a supressão da inércia, a liberdade, com o olvido da escravidão, e o auxílio à felicidade dos outros, como garantia da própria felicidade.

Defendendo-lhe o código de luz, de Tibério a